

## CONTEÚDOS

- 01 EDITORIAL
- 02 ARTIGO OS MUSEUS, O PATRIMÓNIO E AS DINÂMICAS URBANAS: O CASO DE COIMBRA
- 07 OPINIÕES COLECÇÕES VS PÚBLICO? CONSERVAÇÃO VS COMUNICAÇÃO?
- 08 NOVOS, RECENTES E RENOVADOS MUSEU DE AVEIRO
- 12 ENTREVISTA COM... RITA FAZENDA
- 15 NOTÍCIAS ICOM
- 17 NOVAS PUBLICAÇÕES
- 18 CALENDÁRIO DE INICIATIVAS

## EDITORIAL

MARIA VLACHOU

Recentemente, num artigo no jornal Guardian citava-se Philippe de Montebello, durante 31 anos Director do Metropolitan Museum of Art, que dizia: “Para mim os públicos são secundários...A nossa primeira responsabilidade são as obras de arte”. Lembrámo-nos dessa citação ao estudarmos o Planeamento Estratégico do ICM, “Museus para o Séc. XXI”. Trata-se de um documento que vem abordar uma série de questões que têm sido objecto de discussão entre os profissionais dos museus e as tutelas, mas que, ao mesmo tempo, não vem questionar a relação dos museus com o exterior. Num documento estratégico esperaríamos encontrar referências concretas à ‘razão de ser dos museus’, as pessoas, sejam elas público ‘iniciado’ ou, e sobretudo, público ‘não-iniciado’. No entanto, a palavra “públicos” nunca é mencionada; e a palavra “comunicação” aparece apenas uma vez (Eixo 5), mas num contexto de comunicação interna. Assim, dada a falta de referências concretas aos destinatários finais da nossa acção, pedimos a três recém-nomeados directores de museus nacionais para partilharem connosco a sua opinião sobre o lugar que os públicos devem ocupar nos planos estratégicos dos museus. Recebemos a opinião de **António Filipe Pimentel**, Director do Museu Nacional de Arte Antiga, que com muito gosto publicamos. Infelizmente, à hora de fecho desta edição do boletim não tinham chegado outras respostas à nossa solicitação e assim, pela primeira vez, a coluna Opiniões apresenta apenas um texto.

O artigo principal desta edição vem questionar o papel dos museus na regeneração urbana. O seu autor, **Tiago Boavida**, defendeu recentemente a sua tese de mestrado, que aborda esta mesma temática. Temos ainda um texto da Directora do Museu de Aveiro, **Ana Margarida Ferreira**, sobre as recentes obras de requalificação nesse museu.

Nesta edição, entrevistamos **Rita Fazenda**, *press officer* e *booker* das Produções Fictícias, sobre a sua relação com os museus. E, como sempre, apresentamos notícias sobre a actividade do ICOM Portugal, novas publicações e um calendário de iniciativas dirigidas aos profissionais dos museus.

## ARTIGO

### OS MUSEUS, O PATRIMÓNIO E AS DINÂMICAS URBANAS: O CASO DE COIMBRA

**TIAGO BOAVIDA**

Guia-intérprete, Mestre em Museologia e Património Cultural na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

O que significam para as cidades os museus e o património? Que benefícios reais podem as cidades extrair dos seus museus e do seu património cultural? Depois das cidades industriais dos séculos XIX e XX, o turismo, as artes, a cultura, a educação, o desporto e o lazer são alguns dos principais meios procurados pelas cidades modernas, não só para a ocupação do tempo livre dos seus habitantes e visitantes, mas também como formas de desenvolvimento económico, social e como meio de criar emprego e riqueza. Embora não haja unanimidade quanto às vantagens que estas actividades originam, elas têm um poder multiplicador de grande horizontalidade económica e social (LANGSTRAAT, 2006). É reconhecida cada vez mais a importância e o contributo do turismo para a balança económica e para a criação de emprego em muitos países.<sup>1</sup> E embora o turismo seja uma indústria particularmente frágil, exposta que está a questões sanitárias, económicas, políticas e a muitos factores de natureza imprevisível, esta tendência de crescimento e de reconhecimento da sua importância deverá continuar, a avaliar pelos dados das últimas décadas<sup>2</sup>.

O turismo vive em grande medida de motivações e estas estão dependentes de noções como cultura, identidade e património. Pode o turismo ser separado da cultura? Pela sua natureza parece-nos que não, ou muito dificilmente. Qualquer tipo de turismo implica uma experiência, um contacto com algo próprio de um dado espaço e tempo. A cultura, o turismo, o lazer e o património têm vindo a adquirir, paralelamente à importância crescente das cidades e da urbanização em geral, um peso cada vez maior nas sociedades modernas. Nas palavras de Fernanda Cravidão, “as alterações profundas que este fenómeno [turístico] introduz no espaço, faz com que, em muitas áreas, o espaço deixe de ser um factor de produção e passe a um bem de consumo” (CRAVIDÃO, 1993).

As cidades, para se afirmarem como espaços de turismo e de cultura, têm necessariamente de se abrir à modernidade e à contemporaneidade, mesmo que apostem na qualificação e na divulgação do seu património histórico, ou seja na patrimonialização da sua memória. Diz-nos Carlos Fortuna que “uma das características da última década do milénio é a intensificação dos processos de patrimonialização” (FORTUNA, 2009). Mas esta patrimonialização necessita de novas linguagens que sejam estimulantes para habitantes e para turistas, caso contrário pode cair-se em situações de fossilização ou teatralização e não é isso que se pretende de uma cidade viva e a funcionar.

As cidades, como aglomerados mais ou menos ordenados de habitação e concentração de pessoas e de serviços, são das mais antigas realizações do Homem. Se na Antiguidade as cidades eram oásis civilizacionais num mundo quase completamente natural e inexplorado, hoje, início do século XXI, desde as pequenas cidades rurais às metrópoles de dezenas de milhões de habitantes, elas concentram já, no seu total, mais de metade da população mundial. E a tendência será para aumentar. Desde sempre as cidades foram dos principais destinos de viagem e as suas características têm mudado desde os locais de peregrinação da Antiguidade e da alta Idade Média, passando pelas cidades comerciais e universitárias da baixa Idade Média, pelos grandes centros artísticos e culturais do Renascimento até às cidades termas e balneares do século XVIII e XIX. Hoje a cidade é uma multiplicidade de locais em articulação espacial e funcional – é a cidade contemporânea nas práticas e nos serviços, e por vezes ainda medieval no edificado, reinventando-se e adaptando-se constantemente.

<sup>1</sup> Segundo a Organização Mundial de Turismo, as receitas do turismo em 2007, e em milhões de USD, foram em Portugal de 10,132; na Áustria de 18,887; na Bélgica de 10,662; na Grécia de 15,513; na Holanda de 13,428; na Suíça de 11,818 e na Croácia de 9,254, e estes são apenas alguns países comparáveis do ponto de vista da dimensão territorial e populacional.

<sup>2</sup> Segundo o *World Tourism Barometer*, em 2008 mais de 924 milhões de pessoas viajaram para outros países, num aumento de 16 milhões em relação a 2007, que corresponde a um aumento de 2%.

As motivações que originam as viagens para um determinado local podem ser de variadíssima ordem, umas boas outras menos positivas, e os turistas são tão diversos entre si como a generalidade dos homens. Os sociólogos Carlos Fortuna e Claudino Ferreira, descrevem o turista como “cosmopolita, no sentido em que se mostra disponível para interagir com outros e reflectir sobre essas interações, pondo em evidência as diferenças entre os ambientes sociais, culturais, históricos e naturais visitados e aqueles que emolduram o seu quotidiano rotineiro” (FORTUNA, 1996). E os turistas integram um processo em evolução. O desenvolvimento turístico pode ser, a vários níveis, positivo para uma cidade, mas isto nem sempre é verdadeiro. Vejam-se as críticas de alguns sectores da sociedade catalã à transformação urbanística e social sofrida por Barcelona nas últimas três décadas. Não pode, portanto, concluir-se que sempre que uma cidade é boa para os turistas, é também, e necessariamente, boa para a maioria dos seus residentes habituais. Tudo depende das motivações de quem viaja e das pessoas que viajam.

O Turismo é, actualmente, uma indústria geradora de milhões de euros e responsável por milhões de empregos directos e indirectos.<sup>3</sup> Há depois, paralelamente a estes aspectos, outros, constituídos pelo grande conjunto de condições, não facilmente quantificáveis, de que os residentes beneficiam, por via da melhoria de estruturas promovidas pelas necessidades do turismo. Há muito que as cidades deixaram de ser meras aglomerações de habitação, pessoas, serviços, comércio e indústrias. Hoje constituem organismos muito complexos, com mais ou menos capacidade de atracção, jogando com realidades políticas, sociais e económicas e entram, como se fossem empresas, no jogo das regras do mercado e da concorrência.

São, pode dizer-se, também produtos e marcas que conhecem períodos de crescimento e de afirmação ou, pelo contrário, de crise e de decadência. No que respeita a imagens projectadas, as cidades são não só o que de facto são, mas também, e em boa parte, a ideia que delas se tem e que elas transmitem para o exterior. Esta cidade imaginária, esta ideia de cidade, influencia, e muito, decisões a vários níveis. Turistas, investidores, estudantes, empresários e políticos, ao serem atraídos pela cidade e pelo que esta lhes sugere, podem trazer grandes benefícios, ou prejuízos. Podem mesmo alterar, no seu conjunto, o curso da sua história. Algumas cidades têm a si associada uma imagem positiva e empreendedora, outras, pelo contrário, transportam uma carga negativa. Estas imagens negativas estão sobretudo relacionadas com desemprego, exclusão social, violência e criminalidade, poluição e degradação do espaço público. Já as cidades que têm a si agregadas imagens positivas devem-no geralmente a um bom ambiente urbano, justiça social, empreendedorismo, cultura, paz social, acessibilidades ou situação geográfica e natural favorável.

Estas ideias, quer as positivas quer as negativas, podem ser meros preconceitos ou, pelo contrário, realidades explicáveis e justificáveis caso a caso. Mas algumas são erradas e, apesar disso, são alimentadas e disseminadas por opiniões menos rigorosas e até pelos meios de comunicação social e por agências de comunicação. Ter consciência disso, remover os factores que eventualmente estão na origem destas ideias, quando negativas, definir processos de recuperação ou de compensação através dos dados positivos de uma cidade, e das suas potencialidades, parece uma tarefa importante para profissionais da comunicação e da imagem.

Passando da esfera geral para a concreta, mas seguindo a mesma lógica, talvez faça sentido em algumas cidades o turismo e a cultura estarem juntos na mesma entidade de gestão, quer seja uma vereação ou uma empresa municipal. E esta junção justifica-se principalmente em cidades de raiz universitária, onde a cultura e o património, material e imaterial, têm um significativo peso histórico.

Vários são os casos de cidades que, pelo turismo e pela cultura, se renovaram e modificaram, alterando profundamente a sua paisagem, mas também o seu tecido socioeconómico e as suas estruturas urbanas. Os casos de Liverpool, Bilbao, Marselha, Génova, são apenas alguns dos mais significativos casos de cidades portuárias europeias que conheceram períodos de degradação física e social e que iniciaram processos de

<sup>3</sup> Segundo o *World Travel and Tourism Council*, a indústria das viagens e do turismo é responsável na actualidade por quase 220 milhões de postos de trabalho, o que corresponde a 7,6% do emprego total mundial.

regeneração, mais ou menos bem sucedidos. Estas cidades reconverteram zonas industriais ou portuárias decadentes, ou mesmo já moribundas, em zonas de arquitectura contemporânea, arte de rua, lazer, cultura, comércio e até áreas empresariais e universitárias (Mc CARTHY, 2003).

## Nova Iorque

Um caso interessante da consciencialização da importância económica da identidade aconteceu em Nova Iorque, na década de 1960, com a criação da New York Landmarks Preservation Commission<sup>4</sup> (N.Y.L.P.C.), uma agência do governo da cidade. Esta dedica-se à preservação, revitalização e reutilização dos edifícios histórica e arquitectonicamente significantes da cidade, nomeadamente nos chamados *historic districts*, onde tem também responsabilidades na regulação de obras de reabilitação de edifícios. O trabalho da N.Y.L.P.C. tem seis objectivos principais: salvaguarda da história, da estética e do património cultural; estabilização e beneficiação dos imóveis e zonas históricas; promoção do orgulho cívico pela cidade, através do conhecimento do seu passado; fortalecimento e dinamização da sua economia; divulgação da história da cidade na educação, lazer e aumento da qualidade de vida da sua população. O N.Y.L.P.C. foi criado em 1965, pelo *Mayor* Robert Wagner, depois de, em 1963, ter sido destruída a antiga Pennsylvania Station e construída, no seu lugar, a nova estação de caminhos-de-ferro com o mesmo nome, complexo que inclui o Madison Square Garden, que é um pavilhão multiusos conhecido mundialmente. Para além da segunda mais importante estação ferroviária da cidade de Nova Iorque, depois da Grand Central Station, outros edifícios desapareceram, de que são exemplos os antigos prédios de apartamentos da 5ª Avenida, conjunto do qual poucos exemplares hoje restam.

## Liverpool

Em 1930 Liverpool tinha 850 mil habitantes e hoje tem cerca de 450 mil. Com redução demográfica desde 1930,<sup>5</sup> só na década de 1970 a 1980 esta cidade portuária perdeu cerca de 100 mil habitantes. À baixa demográfica juntavam-se a decadência física, a insegurança social e o desemprego. Curiosamente, em Liverpool, o mercado das artes e da cultura sempre prosperou, mesmo nos períodos mais deprimidos. Nas palavras de Pedro Lorente, “in the last decades everything seems to have gone wrong there, except the arts, which constitute the most would-known winning asset of the city’s limited resources” (LORENTE, 1996). Liverpool baseou, portanto, uma boa parte da sua regeneração urbana na promoção das artes e da cultura, tendo feito delas âncoras de desenvolvimento. Apostou na abertura de uma extensão na cidade da londrina Tate Gallery, e desde a sua abertura, em 1988, já exibiu mais de 150 exposições, com circulações por todo o mundo, incluindo Portugal. Esta estratégia tem promovido a visibilidade e a centralidade internacional de Liverpool como cidade de artes e de cultura, o que tem constituído um importante factor de qualificação.

## Bilbau

Mais a sul da Europa, Bilbau<sup>6</sup>, a maior cidade do País Basco espanhol, centrou o seu modelo de desenvolvimento na requalificação profunda de uma vasta área ribeirinha da cidade, antes ocupada por indústrias pesadas e poluidoras. Hoje esta zona está transformada numa área de espaços verdes e equipamentos culturais, com destaque para o Museu Guggenheim e para o Museu de Belas-Artes. O processo começou em 1991 com contactos entre o Governo Basco e a Fundação Salomon R. Guggenheim, que projectava constituir uma rede de museus a nível mundial<sup>7</sup>, com base na casa-mãe de Nova Iorque, o Museu

<sup>4</sup> <http://www.nyc.gov/html/lpc/html/about/mission.shtml>.

<sup>5</sup> [http://icliverpool.icnetwork.co.uk/business/vision/spring2006/tm\\_headline=population-trend-on-the-up&method=full&objectid=16836596&siteid=50061-name\\_page.html#story\\_continue](http://icliverpool.icnetwork.co.uk/business/vision/spring2006/tm_headline=population-trend-on-the-up&method=full&objectid=16836596&siteid=50061-name_page.html#story_continue)

<sup>6</sup> Bilbau é a oitava mais populosa cidade de Espanha, com 350 000 habitantes, e a sexta área metropolitana, com 950 000 habitantes.

<sup>7</sup> Hoje existem museus Guggenheim em Nova Iorque, Veneza, Bilbau, Berlim e Abu Dhabi.

Guggenheim, situado na 5ª Avenida, em frente a Central Park e não longe do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque, e dentro da famosa *museum mile*.<sup>8</sup>

Depois de um difícil acordo, o museu Guggenheim de Bilbao foi construído e aberto ao público em 1997. Este museu foi, desde a sua abertura, responsável por uma autêntica revolução urbanística e económica, um verdadeiro *case study* mundial de renovação urbana por via da criação de um museu de raiz. Da autoria do gabinete de arquitectura de Frank Gehry, o edifício desconstrutivista segue o estilo de outras obras do arquitecto canadiano, com uma forma escultórica metálica e ondulante, quase orgânica e viva. Foi no início muito contestado por alguns sectores da sociedade basca, nomeadamente pelo seu elevado custo e por ter sido suportado totalmente pelo Governo Basco. Mas o enorme e algo inesperado êxito do museu, trazendo milhões de turistas de todo o Mundo a Bilbao, promovendo a cidade a um nível global que seria impensável umas décadas antes, fizeram calar as críticas. O êxito e o mediatismo foram de tal ordem que ainda no ano de abertura do museu, em 1997, foi rodado um filme do famoso agente secreto James Bond. Do realizador Roger Spottiswoode, *Tomorrow never dies* começa com uma cena de acção e *suspense* filmada bem perto do Museu Guggenheim, que aparece explicitamente nas imagens. Por via desta aposta ganha, imagens do museu e da cidade basca passaram em milhares de salas de cinema de todo o mundo, continuando actualmente a ser transmitido em canais de televisão de todo o planeta, assim promovendo o museu e a cidade de Bilbao.

Hoje é o maior ícone cultural e turístico do País Basco e um dos maiores de Espanha, fazendo esquecer algumas ideias menos positivas que se associavam a Bilbao, como seja a decadência industrial e o terrorismo da E.T.A.<sup>9</sup> Estas marcas negativas foram substituídas por uma imagem de modernidade, de cultura, de contemporaneidade e de dinamismo. O surgimento do novo museu contribuiu, inclusive, para o aumento de visitantes de outros museus da cidade. Todo este processo levou à abertura de vinte novos hotéis na cidade, de muitos restaurantes e ao estímulo, a vários níveis, da economia local e regional.

Mas se as grandes cidades industriais e portuárias europeias enfrentam grandes mudanças, forçadas pela evolução da economia e dos transportes, as cidades de génese medieval e universitária estão também em constante confronto entre a sua identidade e o seu futuro, e com o que este pode constituir.

## Coimbra

Tal como outras cidades europeias de matriz romana e universitária, Coimbra tem uma dimensão demográfica que ronda os 150 mil habitantes. Tem um passado relevante na história de Portugal, sempre foi um centro cultural e académico importante e mantém um património físico e construído assinalável. Acresce que a sua universidade é a segunda mais antiga da Península Ibérica, com um peso considerável na sua estrutura urbana, o que a torna, por tudo isto, um destino turístico relevante em Portugal. Apesar de algumas épocas verdadeiramente terríveis para o seu património - como a reforma pombalina da Universidade, nos finais do século XVIII; a desamortização de 1834, e o que esta significou de perda, destruição e dispersão do património artístico da cidade; as demolições da Alta da cidade promovidas pelo governo de Oliveira Salazar, em meados do século XX -, Coimbra possui ainda vinte e cinco edificações classificadas como Monumento Nacional, dezassete como Imóvel de Interesse Público e dois como Imóvel de Interesse Municipal, estando onze neste momento a aguardar classificação.<sup>10</sup> Além do património físico, que pode vir a ser reconhecido como património mundial pela UNESCO, em 2012, a cidade possui um espírito de lugar e um património imaterial raros, ou mesmo únicos, em Portugal.

<sup>8</sup> É uma zona de grande concentração de museus em Manhattan, Nova Iorque. Ao longo de *Central Park*, numa extensão pouco superior a uma milha, localizam-se alguns dos mais famosos e visitados museus do mundo: The Metropolitan Museum of Art, The Whitney Museum, The Frick Collection, Guggenheim Museum, The Jewish Museum, Cooper-Hewitt National Design Museum, e a curta distância estão ainda o Moma – Museum of Modern Arts e o American Museum of Natural History.

<sup>9</sup> *Euskadi Ta Askatasuna*, em português “Pátria Basca e Liberdade”, é um grupo armado criado em 1959 dissidente do Partido Nacionalista Basco.

<sup>10</sup> [http://www.ippar.pt/pls/dippar/ippar\\_home](http://www.ippar.pt/pls/dippar/ippar_home)

Como tem Coimbra lidado com o seu património, e, em particular, com os seus museus? Coimbra materializa este cruzamento do provinciano com o nacional e o universal de enormes potencialidades, desde que exploradas convenientemente. O carácter nacional dos museus de Coimbra, tendo em conta a missão e os objectivos da sua maioria, pode ser uma grande vantagem na afirmação das instituições e na atracção de públicos de todo o país, e do exterior, para a cidade, e abre, portanto, boas perspectivas futuras. Conta neste momento com dois grandes museus, o Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC) e o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC), este último ainda limitado ao antigo Laboratório Chímico, mas com projecto em curso de alargamento ao Colégio de Jesus.

Coimbra não é uma grande capital, é uma cidade europeia de média dimensão. Não tem a *museum mile* de Manhattan, não tem o triângulo do Prado de Madrid, não tem o *museum district* de Belém, em Lisboa, nem a Ilha dos Museus de Berlim<sup>11</sup>, mas pode, à sua dimensão, desenvolver um sólido conjunto de instituições encabeçado pelos já referidos MNMC e MCUC, a que se juntam outros espaços marcantes, como o Centro de Interpretação de Santa Clara-a-Velha, o Museu da Água, o Memorial Irmã Lúcia, as casas-museu de Miguel Torga e de Bissaya Barreto, o Portugal dos Pequenitos, que se tem modernizado e mantido a atractividade, para além dos núcleos do Museu Municipal e de espaços de arte contemporânea, como são o Centro de Artes Visuais e o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

Mas nem tudo é fácil, algumas destas instituições lidam com constantes dificuldades orçamentais, que se espelham principalmente em problemas de espaço e de recursos humanos.

O turismo, a cultura e os museus podem, em muitos casos, e devem, sempre que possível, ser âncoras de desenvolvimento e afirmação da cidade. Penso mesmo, de acordo com as características urbanas, que poderá e deverá ser desenvolvido futuramente um modelo de desenvolvimento urbano para a cidade, centrado no património, nos museus e no turismo, com todas as dinâmicas socioeconómicas de grande abrangência que essa situação implicaria, mas que para resultar em pleno obrigará a um profundo e concentrado trabalho.

## Bibliografia

- CRAVIDÃO, Fernanda Delgado. *Turismo, serviços e desenvolvimento: Que estratégias na Região Centro?*, Actas do seminário Internacional – Separata, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra, 1993.
- FORTUNA, Carlos et al. *Fluxos turísticos no centro histórico de Coimbra: gestão integrada de equipamentos turísticos urbanos*, PIQTUR Programa de Intervenções para a qualificação do turismo, Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2009.
- FORTUNA, Carlos; FERREIRA, Claudino. *O turismo, o turista e a (Pós) Modernidade*, Oficina n.º 80, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, Outubro de 1996.
- LANGSTRAAT, James W. *The urban regeneration Industry in Leeds: Measuring sustainable urban Regeneration Performance*, School of Health and Environment, University of Leeds, University of Leeds Press, 2006.
- LORENTE, Pedro. *The Role of Museums and the Arts in the Urban Regeneration of Liverpool*, 1996. Versão Internet em <http://www.ub.es/escult/epolis/liverpool/LiverpoolBook.pdf>.
- Mc MATHY, John. *Spatial Planning Tourism and Regeneration in Historic Port Cities*, 2003.

---

<sup>11</sup> A Ilha dos Museus, no rio Spree, centro da cidade de Berlim, alberga cinco dos mais importantes museus da capital alemã: *Neus Museum, Alte Nationalgalerie, Bode Museum, Pergamon Museum e Altes Museum*

## OPINIÕES

### COLECÇÕES VS PÚBLICO? CONSERVAÇÃO VS COMUNICAÇÃO?

**I**  
**ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL**

Director do Museu Nacional de Arte Antiga

Estruturados, tradicionalmente, em torno de um corpo técnico apoiado na carreira de *conservador* — a partir de um patamar embrionário de eruditismo e mesmo diletantismo com ligações mais ou menos eficazes ao universo da História da Arte —, os museus desenvolveram o seu *know how*, historicamente, justamente em torno do saber (e do saber fazer) da conservação: na convicção de incumbir-lhes uma missão central na preservação do património (em especial móvel) que, pelas mais diversas vias, lhes é confiado. O qual coligem (ou buscam coligir) precisamente em cumprimento do seu múnus central de *conservar* uma herança histórica que se reputa essencial ao próprio conceito de civilização.

E incumbe-lhes, evidentemente, essa missão. São eles, de facto — no espaço-tempo, certamente mais amplo, do grande palco onde desfilam os testemunhos que a Humanidade acumulou no seu devir (ou que dessa operação ainda remanesçam) e onde se destacam o coleccionismo privado, o antiquariato e, em geral, os circuitos comerciais ligados ao património — o fundamental elemento estável: aquele onde cada geração, de modo mais eficaz, pode colher a ilustração pedagógica do que de mais significativo, nos diversos domínios, as gerações passadas produziram. Nesse sentido, a responsabilidade essencial de um museu incide na preservação do espólio que lhe está confiado e falhar nesse desígnio é, seguramente, ferir de modo grave uma vocação central.

Porém, um museu não é apenas isso. E, sobretudo, não o é essencialmente. Mais que uma *casa-forte*, o museu é um *palco*. Desde a sua origem, com efeito, foi-lhe pedido um papel de *comunicação* em relação ao(s) público(s) que o rodeiam e ao *sentido* dessa mesma preservação a que quotidianamente se dedica: e é nesta última, de resto, que assenta a sua capacidade (que lhe é igualmente essencial) de *ilustrar pedagogicamente* o que de mais significativo, nos diversos domínios, as gerações passadas produziram — com esse fito, aliás, criando narrativas que são a base central de todo o discurso expositivo, por via disso, de resto, sempre datado e *temporário*.

E é, aliás, nessa sua condição que se apoia a íntima relação que desde sempre estabeleceu com o universo escolar (nos mais diversos domínios) e que, entre nós, quotidianamente mais e mais se sedimenta: e por isso entre as gloriosas tradições que os museus averbam se contabiliza, justamente, o investimento feito na implementação e desenvolvimento de *serviços educativos*. Ora, é nesse contexto, na verdade, que a missão de preservar adquire toda a sua transcendência — por isso que se trata de *preservar para poder transmitir*.

Longe, pois, de qualquer antinomia, é no pleno cumprimento dessa dupla missão que o museu cumpre, realmente, a sua missão inteira. E se, no confronto com as exiguidades dos quotidianos em que se vêem forçados a sobreviver, os museus optam, com frequência, por um esforço de conservação onde projectam o energia disponível, é tão simplesmente por efeitos dessa mesma (des)razão: e porque sem esse labor de conservar toda a comunicação futura ficará irreversivelmente comprometida — não deixando de cultivar por atitude um saber de prudência feito, como antídoto contra os riscos hodiernos do *comunicacionismo* sem limites. Mas sem deixar de alimentar a fé em melhores dias (e em melhores meios).

Será, pois, pouco arguta a antinomia: a missão dos museus (por isso tão difícil) é como o Janus da mitologia — para cumprir-se, deve olhar sempre para um duplo horizonte.

## NOVOS, RECENTES E RENOVADOS

### MUSEU DE AVEIRO

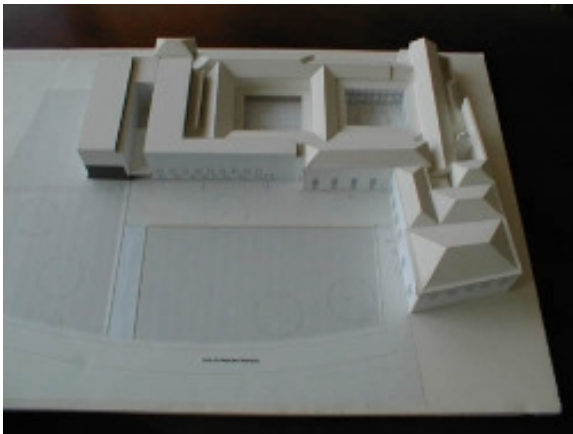
**ANA MARGARIDA FERREIRA**

Directora do Museu de Aveiro

Entre Maio de 2006 e Dezembro de 2008, o Museu beneficiou de uma pequena obra de ampliação; de uma profunda obra de requalificação e de uma intencional omissão de obras conservação na Igreja de Jesus (monumento nacional) e demais dependências conventuais.

#### A ampliação

A ampliação consistiu em adossar um corpo novo ao edifício existente. A articulação com a preexistência foi conseguida por via de um pequeno pátio interior que replica a sequência do claustro e do pátio doméstico. Uma desassomburada intervenção no alçado lateral esquerdo (SW) e nas coberturas, agora planas, garante a coerência do conjunto e permite uma leitura de contemporaneidade muito tranquila. Por via desta ampliação, conseguiu-se dotar o complexo museológico de uma generosa sala de exposições temporárias ao nível do rés-do-chão e de duas amplas áreas de reservas no piso superior e no piso enterrado. Estas áreas funcionais tornavam-se indispensáveis ao desempenho dinâmico e competente do Museu.



Maqueta do projecto da obra de ampliação e requalificação.  
(Foto: Museu de Aveiro)



Obra de requalificação da ala SW, onde é actualmente a biblioteca.  
(Foto: Manuel Gomes Teixeira)

#### A requalificação

Se a ampliação é um volume contido, a requalificação foi uma intervenção drástica, sobre toda a área doméstica do edifício conventual, já enormemente modificada pelas sucessivas adaptações a colégio no século XIX e a museu no século XX, estas últimas exaustivamente documentadas em [http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002\\_C.aspx](http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_C.aspx)

A intervenção foi de tal forma profunda que anulou quase tudo o que os Monumentos Nacionais (DGEMN) tinham feito no edifício. Ficaram de pé as paredes das fachadas e algumas evidências que restavam do edifício conventual, hoje preservadas, por exemplo, na cafetaria e na biblioteca.



A climatização do edifício, com piso radiante ao nível do rés-do-chão e com tectos radiantes ao nível do primeiro andar, onde se desenvolve a exposição permanente, exigiu a colocação de condutas subterrâneas, o que deu azo a uma intervenção de escavação arqueológica de significativa envergadura.

As escavações permitiram registar as fundações de sucessivas fases do edifício conventual e forneceram abundante espólio cerâmico, alguns metais, vidros e restos orgânicos. A informação recolhida e o espólio associado constituem hoje um promissor desafio de investigação, porquanto são documentos prenhes de informação sobre a vida conventual e, extensivamente, sobre a história económica e cultural de Aveiro.

## A área monumental

A área monumental foi intencionalmente deixada de fora desta campanha, por se ter a consciência aguda da especificidade que a sua intervenção requer. A Igreja de Jesus e a Sala do túmulo da Princesa Santa Joana são monumento nacional desde 1910. O claustro e as dependências que lhe estão anexas (capelas, capítulo e refeitório) são-lhe indissociáveis e o seu valor patrimonial indiscutível. A intervenção que se impõe é do domínio disciplinar da conservação e do restauro, no que respeita aos critérios éticos e às técnicas a aplicar. O edifício e os seus revestimentos decorativos são indissociáveis e os tempos (prazos) para tais intervenção têm de ser necessariamente longos, implicando anos de trabalhos programados e sucessivos. As obras de conservação e restauro da área monumental do Convento de Jesus, parte integrante do Museu de Aveiro, continuam, pois, na ordem do dia. É preciso que as várias instâncias de poder, em que a comunidade se organiza, tenham esta prioridade bem presente e cuidem de estabelecer o necessário plano de trabalhos e orçamento plurianual para que se faça bem e a tempo o que tem de ser feito.



Igreja de Jesus, tecto da nave. (Foto: Manuel Gomes Teixeira)



Túmulo da Princesa Santa Joana, 1699-1710. Risco do arq. João Antunes. (Foto: Manuel Gomes Teixeira)

## A história do edifício

Importa aqui fazer uma pequena retrospectiva para melhor se compreender a história do edifício em que se encontra instalado o Museu de Aveiro. A sua fundação data de 1458, quando algumas Senhoras nobres decidem afastar-se da corte e construir uma casa de recolhimento, na vila de Aveiro, junto ao mosteiro dos monges dominicanos, que era no sítio da actual Sé. Três anos passados, o pequeno recolhimento era declarado convento da Ordem de S. Domingos. A primeira pedra da igreja teve o patrocínio régio de D. Afonso V que para o efeito de deslocou a Aveiro com a sua corte (1461). D. Joana, sua filha, refugiava-se nesta casa em 1471. Recusou três casamentos reais e aqui faleceu, com fama de santidade, em 1490. Foi declarada beata em 1693. Os seus restos mortais jazem num mausoléu oferecido por D. Pedro II que patrocinou igualmente grandes melhoramentos na igreja.

A história oitocentista desta casa seria em tudo semelhante à generalidade dos conventos, não fora, talvez, a presença do túmulo da Princesa Santa que terá obviado a destruições e usos menos dignos. Extinto o convento em 1834, lá continuaram as freiras até 1874; foi ainda colégio, e, com a República, Museu.

Ao longo do século XX, sucessivas campanhas de obras diminuiram os vestígios da parte doméstica do convento para ganhar funcionalidades para o Museu. E, no entanto, o estado de degradação, que ciclicamente atingia o edifício, exigia sempre novas obras.

Há cerca de 20 anos, era notória a necessidade de uma intervenção global. Vivia-se então um tempo de fortes vontades nos museus tutelados pela administração central e o convite para projectar recaiu no arq. Alcino Soutinho, nome de prestígio reconfirmado pela intervenção – então recente – no convento dominicano de Amarante. Longa história: apresentação do programa museológico, em 1997, da autoria da directora Isabel Sousa Pereira; proposta de ante projecto pelo arq. Alcino Soutinho em 2000; aprovação do projecto em 2002; o início da obra em 2006; a abertura da nova exposição permanente em 2008, e, hoje, um fim de obra que se deixa desejar.

## A visita

A obra clarificou circuitos e áreas funcionais. O visitante habitual, o aveirense amigo do museu, pode ignorar as colecções e o monumento, tendo, ainda assim, mais do que motivo para o frequentar: ao nível do rés-do-chão, pode ir à loja, à cafetaria, à biblioteca, ao auditório, e – motivo principal – à exposição temporária. São 330m<sup>2</sup>, um rectângulo branco onde tudo deverá acontecer: arte contemporânea, colecções em reserva que aguardam serem reveladas, colecções de outros museus, itinerâncias, um vasto leque disciplinar...O visitante em busca do monumento e das colecções encontra "...três histórias cruzadas: a da Santa Joana, na sua dimensão biográfica e hagiográfica, a da arte portuguesa entre os séculos XVI e XVIII e a da cidade de Aveiro, através do seu património artístico conventual."<sup>12</sup>

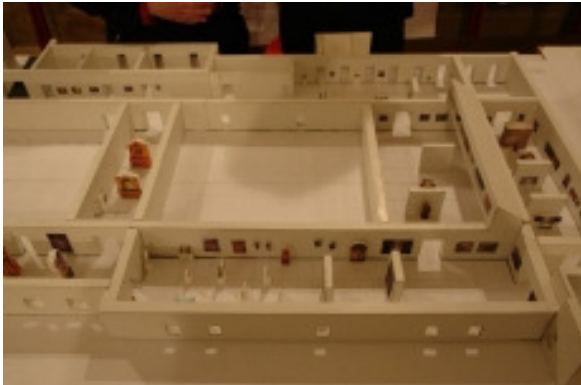
O circuito monumental tem a sua maior expressão no piso térreo, por via da visita à igreja, coro baixo e claustro. Contudo, a exposição, ao nível do primeiro andar, também é, em vários momentos, interligada com dependências conventuais muito eloquentes: o coro alto e as suas capelas, com retábulos, pintura e escultura integradas; a Sala de Lavor convertida em capela memorial da Princesa, a capela de S. Domingos e a do Sr. dos Passos.

O primeiro momento da exposição é ainda uma singularidade museológica: aqui as vitrinas esvaziam-se um dia por ano, a 12 de Maio, aniversário da morte da Princesa Santa e padroeira da cidade. As imagens de roca da Padroeira e de S. Domingos saem em procissão e os relicários são objecto de culto religioso. A exposição enfatiza assim uma das singularidades mais emocionantes deste museu: ser também um lugar de culto.

A área expositiva dedicada à Princesa Santa Joana culmina com o seu retrato, atribuído ao pintor régio Nuno Gonçalves, cerca de 1472.

A partir deste momento as colecções organizam-se cronologicamente, dos finais da Idade Média até ao século XIX, em núcleos que reúnem as várias formas de expressão artística conventual, seguindo os grandes períodos que a história da arte consagrou.

<sup>12</sup> SILVA, Raquel Henriques da (2009) – Novos museus do IMC: construção, ampliações, remodelações. *Museologia.pt* n.º 3, p. 65.



Maqueta de trabalho. Simulação da exposição permanente.  
(Foto: Museu de Aveiro)



Exposição permanente. Sala 8: O esplendor do barroco joanino. (Foto: IMC/DDF)

## E agora?

Retomo o diálogo com a nossa antiga directora geral: “Há ainda muito a fazer para que o Museu cumpra as suas excepcionais potencialidades.”<sup>13</sup>

Há o monumento ...

Há o espólio arqueológico...

Há vastíssimas colecções em reserva e no território...

Há um equipamento cultural promissor...

Há públicos...

Há uma equipa desejosa...

Haja planeamento plurianual, recursos humanos qualificados, financiamento e amigos do Museu de Aveiro.

---

<sup>13</sup> SILVA, Raquel Henriques da (2009) – Novos museus do IMC: construção, ampliações, remodelações. *Museologia.pt* n.º 3, p. 67.

## ENTREVISTA COM...



*Rita Fazenda é press officer e booker das Produções Fictícias, onde é responsável pela comunicação institucional da empresa, bem como, faz o agenciamento de actores e autores da rede criativa PF. No seu post de 7 de Janeiro no Facebook lia-se: "Com uma soneira digna de museu...". E foi esse o pretexto para esta mini-entrevista.*

Maria Vlachou

**ICOM.PT:** O que é uma soneira digna de museu? Explica-te... (risos)

**Rita Fazenda (RF):** Era tão imponente que era digna de estar num museu.

**ICOM.PT:** Ah, então, não quiseste dizer que os museus te dão uma soneira?

**RF:** Não! Era uma soneira tão imponente, tão significativa, que merecia ser vista num museu...



**ICOM.PT:** Então, é isso que os museus representam para ti? Coisas significativas, importantes?

**RF:** Sim, coisas bonitas, apreciadas, diferentes, que nos põem a pensar, que representam uma ideia.

**ICOM.PT:** Estás a pensar em algum museu em particular?

**RF:** Gosto sobretudo de museus de arte moderna, não tanto dos museus de arte antiga. Uma visita que me marcou, talvez pelo sítio e pela descoberta, foi a do Museu de Arte Moderna de Istambul. Um sítio insólito. Uma das exposições que eles tinham na altura era sobre as ideias voarem dos livros. Era uma instalação no piso inferior e o tecto estava cheio de livros pendurados. Marcou-me. Tinham também uma exposição da Magnum de fotografias de guerra desde os anos 50. Encontrámos o museu por acaso e gostei imenso.

Mas, se tivesse que escolher, seria a Tate. É um espaço muito heterogéneo, em cada piso encontramos uma coisa diferente. Para além da exposição permanente, há sempre algo mais e também espaços para descansar e encontrar outras pessoas. Gosto também muito do CGB.

**ICOM.PT:** Do CCB ou do Museu Berardo?

**RF:** Do CCB. Achei o Museu Berardo um pouco desmazelado. Às vezes as legendas não correspondem às peças, há erros... Há também peças mal conservadas. Lembro-me de ter visto uma peça, acho que tinha a ver com a forma como surgem as ideias, e estava cheia de fungos... Também esta última exposição temporária, *Femme Fatale*, é mínima, a maioria das peças provem da colecção permanente.

**ICOM.PT:** Isto incomoda-te? O facto de peças da colecção permanente serem re-expostas em exposição temporárias? Não é bom procurar fazer leituras diferentes?

**RF:** Sim, incomoda-me quando 80% das peças são da colecção permanente. Muito alarido para nada especial.

**ICOM.PT:** Então, só gostas de museus de arte contemporânea?

**RF:** Dos museus de arte mais clássica acho que só gosto do Prado. Acho bonito o contacto com peças feitas há tanto tempo.

**ICOM.PT:** E só relacionas os museus com a arte?

**RF:** Também às pessoas e ao espaço. Os museus na sua maioria são mais que sítios. Por exemplo, a Serralves. Para além do museu, tem o café, o auditório, a casa de chá...

**ICOM.PT:** E o que significam estes espaços num museu?

**RF:** Ajudam no contacto com esses locais, não têm o 'peso' que a maioria dos museus tem. E penso que as pessoas acabam por ir visitar o museu também. Muitas pessoas têm alguma dificuldade em se relacionar com os museus, o espaço pode ser uma barreira. Exposições como as da Amália ou as da Gulbenkian levam as pessoas pela primeira vez a um museu.

Lembro-me agora de uma visita ao Museu de História de Dublin. Tínhamos ido ver uma exposição sobre o design de vestidos. No rés-do-chão tinham um restaurante, um espaço giro, com muita cor, livros, jornais. Assim, um sítio inóspito, como era aquele espaço, tornava-se acolhedor.

**ICOM.PT:** Visitavas museus quando eras criança?

**RF:** Visitava com os meus pais. Sentia-me bem. O meu pai incutiu-me esse contacto com a história, mais do que com a arte. Parávamos, conversávamos... Lembro-me da nossa visita À Aljubarrota. Contou-me a história, mostrou-me coisas, achei o máximo.

Lembro-me também agora da minha visita ao Museu do Barro no Redondo. Tem a ver com a cultura local, a preservação de tradições que se podem perder.

**ICOM.PT:** Achas inspirador?

**RF:** É importante não se perder a cultura local, e nacional, mostrar às pessoas o que nós somos.

**ICOM.PT:** Já comesças a falar de museus que não são de arte...

**RF:** Gosto de vários museus que não são de arte. O Museu da Electricidade, por exemplo. Gosto do sítio, da forma como o edifício foi recuperado. Tem toda a parte histórica, aprende-se muito sobre a produção de energia, mas também há outras actividades, como concertos. Gosto também do Museu da Água, o espaço é muito bonito. E aprendes algo. Os seus vários núcleos ajudam a perceber como as coisas funcionavam.

Lembro-me agora da forma como descobri o Museu da Farmácia. Viajava de comboio para o Porto e uma senhora italiana, com quem estava a falar, perguntou-me por ele. Não fazia a mínima ideia que existia um

Museu da Farmácia e fui informada por essa senhora! Há pouco tempo fui visitar. Gostei imenso, nunca teria pensado que poderia ter tanto interesse. Tem muito a ver com a preservação da memória.

**ICOM.PT:** Achas que os museus só têm a ver com a preservação da memória? Não têm a ver com o presente, o futuro?

**RF:** As duas coisas. Lembro-me por exemplo de museus de tecnologia, do Museu da RTP, da Casa do Futuro no Museu das Comunicações... Os museus ajudam a fazer a comparação, a pensar o presente e o futuro, ajudam-nos a questionar. A mim, pelo menos,

**ICOM.PT:** Se trabalhasses num museu, em que área gostarias de trabalhar?

**RF:** Na Comunicação. É o que mais gosto, tenho mais perfil.

**ICOM.PT:** E o que ias fazer que não se faz?

**RF:** Tentaria criar essa proximidade das pessoas aos sítios. Não só ao edifício. Tentaria tornar as coisas menos eruditas, mas acessíveis, independentemente de formação, idade, classe... Os museus deveriam ser menos espaços para elites.

**ICOM.PT:** Ainda o são?

**RF:** Sim. Mas os museus locais podem fazer a diferença. Com programas para as famílias, as escolas... Os serviços educativos são uma forma excelente para se começar.

**ICOM.PT:** Uma experiência que te marcou num museu?

**RF:** Lembro-me de uma instalação na Tate. Uma caixa de ferro enferrujado onde estavam tapados todos os pontos de luz. Tínhamos que entrar nesse cubo enorme, tinha a ver com o medo. Não consegui fazê-lo, não consegui ultrapassar os meus sentimentos, mas tocou-me imenso.

**ICOM.PT:** E uma experiência que considerarias negativa?

**RF:** A minha última visita ao Convento de Tomar. Voltei depois de muitos anos e fiquei desolada, chocada. Estava podre.

**ICOM.PT:** Um novo museu em Lisboa seria o museu de...?

**RF:** Acho que Lisboa é muito bem servida. Tem o Museu da Cidade, se bem que não sei se serve o objectivo que os responsáveis gostariam... Tem o CCB, o Museu de Arte Antiga, de Marinha, do Brinquedo... Não lhe falta nada. E tem muitas galerias, que trazem muito movimento.

Pensando melhor, Lisboa precisava de um museu totalmente dedicado à fotografia. Há muito bons fotógrafos que não têm onde expor.

## NOTÍCIAS ICOM

### VIII JORNADAS ICOM.PT – MUSEUS E HARMONIA SOCIAL

#### GRAÇA FILIPE (organização)

O ICOM.PT realiza no dia 29 de Março, na Fundação Calouste Gulbenkian, as VIII Jornadas Anuais. Ao adoptar como temática o mesmo tema do ICOM Internacional - tanto para comemorar o Dia Internacional dos Museus 2010, como para a sua Conferência trienal, que se realizará no próximo mês de Novembro em Xangai -, o ICOM.PT pretende contribuir para a reflexão e a discussão de ideias sobre o papel dos museus e dos seus profissionais face aos problemas da sociedade e do tempo em que vivemos.

Além dos conceitos de museu e de património, também os conceitos de cultura, identidade, território, comunidade e desenvolvimento, entre outros, passaram a integrar o vocabulário de referência dos museus e as abordagens das instituições que os tutelam. Mas nem sempre são coincidentes as acepções pressupostas e, principalmente, as fundamentações que sustentam a sua aplicação, nem os objectivos a atingir e respectivos efeitos na sociedade e na vida das comunidades e das pessoas, a que os museus prestam serviço público.

No programa das VIII Jornadas do ICOM-PT quisemos proporcionar uma perspectiva multidisciplinar e uma abordagem aberta e diversificada dos aspectos que podem constituir vectores de harmonia social, na tentativa de identificar estratégias e actuações complementares entre instituições e profissionais que se dedicam ao património, à educação e ao desenvolvimento. Para tal convidámos especialistas a apresentar importantes experiências não só no contexto nacional, através de Clara Camacho e de Alberto Melo, mas também internacional, através de Hugues de Varine, consultor de desenvolvimento local e comunitário, que há várias décadas acompanha com interesse alguns projectos de museus portugueses de vocação territorial, frequentemente abarcados nos seus estudos e diversificada bibliografia sobre estas temáticas.

Os museus precisam de encontrar formas e meios de actuação, envolvendo as suas comunidades de públicos e/ou integrando-se em dinâmicas geradas com os seus parceiros, no seu respectivo meio ou território de referência, como agentes de desenvolvimento social. O seu papel agenciador de diálogo e de mediação, pelo reconhecimento e pela valorização da diversidade cultural, é um factor determinante para que a sociedade, colectivamente, e as pessoas se revejam nos patrimónios que aqueles preservam e cujo valor potenciam.

Defendendo a constituição de redes e de sistemas de cooperação que envolvam os museus e outras organizações com vocação pública e inclusiva, em diferentes âmbitos de intervenção social, principalmente na educação, nas acessibilidades, na formação e nas aprendizagens ao longo da vida, aproveitamos as VIII Jornadas do ICOM-PT para convidar os nossos membros e todos os interessados a participar nesta reflexão e na discussão de ideias sobre o significado da *harmonia social*, questionando e contribuindo para definir o papel que os museus podem assumir no actual contexto de grandes mudanças sociais e comportamentais.

## VI ENCONTRO DE MUSEUS DE PAÍSES E COMUNIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA I REUNIÃO DAS COMISSÕES NACIONAIS DO ICOM NA CPLP

**MARTA LOURENÇO (Secretária ICOM.PT)**

Na continuidade do trabalho desenvolvido por anteriores direcções, que desde 1987 organizam os Encontros de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa, o ICOM-Portugal vai promover em Lisboa, no final de 2010, a sexta edição deste Encontro e, simultaneamente, a **I Reunião de Comissões Nacionais do ICOM na CPLP**, com o objectivo de colaborar activamente na constituição de comissões nacionais do ICOM nos países onde estas ainda não existem e, a mais longo prazo, contribuir para a constituição de uma Rede ICOM na CPLP.

O português é língua oficial em oito países: Portugal, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Timor Leste, Moçambique e São Tomé e Príncipe. No seu conjunto, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) envolve mais de 250 milhões de pessoas. Destes oito países, apenas três possuem comissões nacionais do ICOM oficialmente instituídas: Angola, Brasil e Portugal. Durante décadas, alguns destes países, particularmente em África, foram devastados pela guerra, pela fome e pela pobreza. Hoje, as condições são substancialmente diferentes, permitindo trocas de experiências e o estabelecimento de parcerias entre museus e profissionais de museus de uma forma mais continuada e regular. De resto, essas trocas são já hoje muito intensas, quer ao nível da formação e consultadoria, quer ao nível de projectos de cooperação.

Neste momento, o ICOM-Portugal encontra-se na fase de compilação de contactos de potenciais interessados em participar no Encontro de Dezembro. Em finais de Março, será feito o primeiro anúncio e a divulgação do programa preliminar. Caso conheçam pessoas interessadas, em qualquer um dos oito países da CPLP (e Macau), muito agradecemos que indiquem o nome, instituição e email para:

Marta Lourenço  
mclourenco@museus.ul.pt

Esta iniciativa do ICOM-Portugal conta desde já com o apoio do ICOM-Brasil e da Comissão Nacional Portuguesa da UNESCO.



## NOVAS PUBLICAÇÕES

### **Learning at the museum frontier: identity, race and power**

Viv Golding

Ashgate Publishing

ISBN: 978-0-7546-4691-4 / £55,00

### **Museum materialities: objects, engagements, interpretations**

Sandra Dudley (ed)

Routledge

ISBN: 978-0-415-49218-8 / £23,99

### **The participatory museum**

Nina Simon

Kindle Edition

ISBN: 0615346502 / \$ 70,00

---

## CALENDÁRIO DE INICIATIVAS MARÇO~MAIO 2010

### PORTUGAL

**[Workshop] CÓDIGO DEONTOLÓGICO DO ICOM**

1 MAR

Faculdade de Letras, Universidade do Porto

Informações e ficha de inscrição: [www.icom-portugal.org](http://www.icom-portugal.org)

**[Seminário] SEMINÁRIO ANUAL DO GAM – GRUPO PARA A ACESSIBILIDADE NOS MUSEUS**

**Tema: 3ª, 4ª, 5ª idade...? – Museus e público sénior**

22 MAR

Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Informações e ficha de inscrição: [www.gam.org.pt](http://www.gam.org.pt)

**[Seminário] VIII JORNADAS ANUAIS DO ICOM**

**Tema: Museus e harmonia social**

29 MAR

Padrão dos Descobrimentos, Lisboa

Informações: [www.icom-portugal.org](http://www.icom-portugal.org)

### ESTRANGEIRO

**[Conferência] THE FUTURE OF MUSEUM CLIMATE SEEN IN THE CONTEXT OF GLOBAL CLIMATE CHANGE AND ENERGY PRIORITY**

1 MAR

National Gallery, Copenhagen, Denmark

Informações: [www.dkmuseer.dk/english](http://www.dkmuseer.dk/english)

**[Encontro] IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS**

**Tema : Museus, Patrimônio e Harmonia Social; estratégias de participação e desenvolvimento local**

6 A 9 ABR

Foz do Iguaçu, Brasil

Informações:

Odalice Priosti : [odalice@openlink.com.br](mailto:odalice@openlink.com.br) / [contato@abremc.com.br](mailto:contato@abremc.com.br)

**[Conferência] MUSEUMS AND THE WEB 2010**

13 A 17 ABR

Denver, EUA

Informações: <http://www.archimuse.com/mw2010>

**[Conferência] TRANSFORMING CULTURE IN DIGITAL AGE**

14 A 16 ABR

Tartu, Estónia

Informações: <http://transformingculture.eu>

**[Conferência] THE MUSEUM 2010**

17 A 1 MAIO

National Taipei University of Education, Taiwan

Informações: museum2010@gmail.com

## MAIS À FRENTE...

**[Conferência] MUSEUMS AND RESTITUTION**

8 E 9 JUL

University of Manchester, Reino Unido

Informações: [www.manchester.ac.uk/museumsandrestitution](http://www.manchester.ac.uk/museumsandrestitution)

**[Conferência] 11<sup>TH</sup> EASA BIENNIAL CONFERENCE**

**EXPERIENCE, WITNESSING, SPECTACLE: PERFORMANCE AND COMMEMORATION  
IN THE NEW MUSEUM**

24 A 27 AGO

Maynooth, Ireland

Informações: <http://www.easaonline.org/conferences/easa2010/index.htm>

## E AINDA...

Informação sobre todos os encontros dos Comités Internacionais do ICOM em

<http://icom.museum/calendar.html>

**INFORMAÇÃO ICOM.PT** é uma publicação trimestral da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM.

**Editora** Maria Vlachou ([mariavlachou.pt@gmail.com](mailto:mariavlachou.pt@gmail.com))

**Design** Sistemas do Futuro

Colaboraram nesta edição: Ana Margarida Ferreira, António Filipe Pimentel, Graça Filipe, Maria Vlachou, Marta Lourenço, Tiago Boavida.

A todos os colaboradores o nosso agradecimento.